

A grande ruptura que transformará a economia global

Sérgio Jatobá*

*Doutor e Mestre em Desenvolvimento Sustentável, pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. sj.jatoba@uol.com.br

doi:10.18472/SustDeb.v6n2.2015.15606

RESENHA

Paul Gilding. *A grande ruptura: como a crise climática vai acabar com o consumo e criar um mundo novo*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014. 300 p. ISBN:978-85-8317-018-1.

Na década de 1970 o jovem Paul Gilding militava em causas antiapartheid e a favor dos direitos humanos na Austrália. Nas anos 1980 e 1990 ele se engajou em movimentos pacifistas e em campanhas contra armas nucleares; aderiu ao Greenpeace, no qual chegou ao cargo de diretor internacional. A partir de 1995 mudou de estratégia e passou a dar consultoria a grandes corporações e organizações não governamentais, acreditando que ajudar empresários e comunidades a achar soluções sustentáveis era melhor do que apenas fazer denúncias.

Contudo, essa postura, que demonstrava uma aparente mudança de lado do autor, não resultou em mudanças efetivas de comportamento das empresas, organizações e indivíduos aos quais Gilding dava assessoria. Então, em 2005, ele resolveu não mais disseminar o tradicional discurso ambiental baseado no apelo contra a destruição dos sistemas ecológicos. Passou a advertir os seus ouvintes, afirmando “que a economia global estava sob o risco de um colapso repentino e que, junto com ela, iriam ruir os seus fundos de pensão, a sua riqueza pessoal e as suas empresas” (p. 52). O resultado, segundo Gilding, foi um “salto espetacular” no nível de atenção e engajamento de suas plateias.

Em 2005, escreveu um artigo, intitulado “*Scream Crash Boom*” (“Grito Colapso Boom”), que argumentava, de forma sintética, “que o Grito – o chamado à ação que vigorava desde o final dos anos 1950 – estava se esgotando; o Colapso - do ecossistema e da economia – estava começando; e que o Boom – uma resposta de velocidade e escala extraordinária – não ficava muito atrás”.

Expandindo as ideias desenvolvidas nesse artigo, em 2011 Gilding escreveu *The Great Disruption - how the climate crisis will transform the global economy* (traduzido para o português como *A Grande Ruptura – como a crise climática vai acabar com o consumo e criar um novo mundo*). Esse livro alcançou forte repercussão nos países onde foi publicado, fazendo com que o autor passasse a ser requisitado para dar palestras nos meios empresariais, acadêmicos e até militares. A razão do crescente interesse que o livro tem despertado não é a de conter uma teoria revolucionária, mas a de ser um louvável exercício de síntese de ideias que não são exatamente novas nem originais, mas que compõem um conjunto de argumentos bem estruturados.

Gilding reuniu dados e estudos sobre a crise ambiental e econômica para reafirmar o cenário desalentador que há décadas vem sendo confirmado por vários autores e conferências mundiais sobre o meio ambiente e mudanças climáticas. Mas, ele não se limita a apresentar um cenário alarmista - descreve iniciativas que apontaram oportunidades que levarão, segundo ele, a um ponto de inflexão, após o inevitável colapso, e à transformação radical no padrão de vida e consumo da humanidade.

Na primeira parte do livro, Gilding esmiúça as razões da sua crença no colapso iminente, escudado em estudos e ideias de vários pensadores e cientistas que defendem que é insustentável o modelo econômico baseado no crescimento contínuo, no consumo, e no uso destrutivo de recursos naturais. As consequências, que já não são meras previsões e especulações alarmistas, resultarão em desequilíbrios climáticos, escassez de alimentos e instabilidade geopolítica global.

Gilding assegura que o colapso é inevitável porque já perdemos a oportunidade de evitá-lo. Argumenta que, historicamente, as sociedades só reagem às grandes crises quando o desastre é iminente. Assim, as decisões que estão sendo sistematicamente adiadas só se tornarão imperativas quando não houver mais tempo para uma mudança gradativa. Nas suas palavras: “Enfrentamos agora ameaças que não são filosóficas, mas intensamente práticas e pessoais. Não se trata de um equilíbrio entre proteção ambiental e crescimento econômico, mas de uma relação causal entre os dois fatores” (p. 53).

Outra tese que o autor propaga, repercutindo ideias de um crescente grupo de economistas, é a de que crescimento econômico estancará. Aquilo que já é uma realidade para os países mais desenvolvidos alcançará também os países que continuam crescendo, mesmo em face do esgotamento das condições favoráveis. O fim do crescimento ou o estado estacionário da economia foi previsto pelos fundadores da teoria econômica e do capitalismo de mercado, como John Stuart Mill, John Maynard Keynes e mesmo Adam Smith; mais recentemente foi discutido em estudos como *The End of Growth*, de Richard Heinberg. O crescimento contínuo não é somente insustentável do ponto de vista da reprodução infinita do capital, mas não é distributivo e, portanto, não resolve o problema da pobreza. Pelo contrário, o nível de desigualdade tende a aumentar, mesmo com menores taxas de crescimento.

Para Gilding, a noção de que o crescimento resolverá o problema da pobreza é uma ilusão construída para fazer com que o problema seja moralmente aceitável. Ele apresenta dados da *New Economy Foundation* que dão conta de que para cada cem dólares de crescimento econômico entre 1990 e 2001, somente sessenta centavos de dólar foram investidos na redução da pobreza (p. 203). Portanto, não é a produção de mais riqueza que reduzirá a pobreza, mas a sua melhor distribuição. Se essa questão não for enfrentada, problemas como os das migrações em função de disparidades econômicas, que se agravarão com as mudanças climáticas, ameaçarão a estabilidade política mundial.

Já a desigualdade intra e entre nações cresce de forma a preocupar setores sociais que nunca se preocuparam muito com ela, por acreditar que ela é um estágio temporário do capitalismo. Estudos recentes, como o do economista francês Thomas Piketty (*Capital in the Twenty-First Century*, de 2013), que se declara não marxista, comprovam que isso não é verdade. Até mesmo a presidente do *Federal Reserve*, o poderoso Banco Central dos EUA, Janet Yellen, admitiu em outubro de 2014 que “o aumento da desigualdade pode ser resumido em ganhos significativos de renda e riqueza daqueles que estão no topo e em padrões de vida estagnados para a maioria”. Ela indaga ainda “se essa tendência é compatível com (...) o alto valor que norte-americanos tradicionalmente colocam na igualdade de oportunidades” (“Desigualdade nos EUA preocupa Yellen”, in *Correio Braziliense*, 18/10/2014).

Na segunda parte do livro, Gilding, exibindo um otimismo inesperado para alguém tão convencido sobre o declínio, tenta prever os caminhos de saída da crise. Para tanto, também não elabora ideias próprias, mas baseia-se em estudos, dados e tendências observadas no presente que já apontariam, segundo ele, as saídas para a crise. Primeiramente ele discute os fundamentos da nova “economia de estado estável”, defendida por economistas reconhecidos, como Herman Daly e Tim Jackson. É possível haver prosperidade sem crescimento, advogam eles. “A relação entre renda absoluta e felicidade só se estende até o patamar da suficiência (...) além desse ponto, só a renda relativa influencia a felicidade” (Daly, in *A Steady-State Economy*, Comissão de Desenvolvimento Sustentável, 2008). Ou, como infere Gilding: “Todo estudo sobre felicidade e satisfação com a vida sugere que, depois que nossas necessidades básicas são satisfeitas, não obtivemos nenhum avanço significativo na qualidade coletiva de vida mediante mais crescimento econômico” (p. 201).

Gilding propõe que o lema “compre menos, viva mais” seja o mantra econômico e político das próximas décadas, em prol dos esforços de adaptação às mudanças climáticas e de redução do consumo carbono-intensivo. Ele aponta o surgimento de uma série de movimentos sociais contra o consumismo desenfreado; eles procuram demonstrar que comprar mais coisas não melhora a vida das pessoas, “...mas, em vez disso, as prendem num ciclo de falta de tempo, trabalho insatisfatório e dívidas infinitas...” (p. 213). A saída seria então a inversão da lógica que liga mais consumo com mais crescimento e maior desigualdade. O autor argumenta que se a sociedade, com o auxílio dos governos, diminuir a desigualdade, o consumo será menor, reduzindo a necessidade de crescimento e gerando, conseqüentemente, menor desigualdade. Cria-se, assim, um círculo virtuoso de crescente equilíbrio social, econômico e ecológico.

Gilding aposta que não se trata de uma utopia, considerando o crescimento de movimentos sociais contra o consumismo e a ampliação dos investimentos em alternativas energéticas, reciclagem, e mercados de crédito de carbono. Um dos exemplos exitosos citados é do *boom* do mercado de energia solar, cuja produção mundial aumentou de 100 MW em 2000 para aproximadamente 40 GW em 2014, com substancial queda nos preços; países improváveis, como a China, assumiram a liderança desse mercado. O autor afirma que muitas soluções para a crise ambiental estão prontas e em funcionamento agora. Dá exemplos de muitas delas ao longo do livro e afirma que “essas soluções estão sendo impulsionadas por indivíduos com paixão, pessoas que fazem a diferença e as coisas acontecerem. Tudo o que é preciso é replicá-las e acelerá-las” (p. 272).

Contudo, é justamente nessa segunda parte que Gilding parece menos convincente, pois deixa de lado o discurso mais fácil do alarmismo e procura argumentar em favor da sua tese central de que a “grande ruptura” criará um mundo melhor. A sua ideia-força de que o desenvolvimento pode prescindir do consumo tende a ser simplista; o autor investiga pouco as relações entre consumo e desenvolvimento, essenciais para compreender como padrões de consumo são afetados por estágios diferenciados de desenvolvimento dos países, pela deslocalização da produção e pelo comércio exterior, dentre outros fatores. De forma semelhante, imaginar que ações exitosas localizadas possam adquirir escala e reverter o quadro de progressivo caos ecológico-econômico-social ainda parece algo excessivamente otimista, quase romântico.

Seria o livro, então, um painel contraditório de argumentos fatalistas e utópicos ao mesmo tempo? O cientista político e ambientalista Sérgio Abranches, autor do texto da orelha, acredita que não: “A utopia é uma aposta em um mundo futuro, sem nos dar a rota para chegarmos nele. Gilding nos diz que o caminho existe e quanto mais rápido o tomarmos melhor.” Mas, o próprio autor não acredita que a humanidade trilhará o caminho certo antes que o colapso faça dele um imperativo. Assim, indaga-se se a sustentabilidade, que deveria ser o resultado de um acordo social, não será, em um futuro não muito distante, tão somente uma adaptação contingencial diante de uma crise global instalada.